

DISCRIÇÃO E PRUDÊNCIA COMO PRÁTICAS DE REPRESENTAÇÃO NA OBRA CERVANTINA ¹

*DISCRETION AND PRUDENCE AS PRACTICES OF REPRESENTATION IN MIGUEL
DE CERVANTES' WORKS*

Maria Augusta Vieira

Professora titular de Literatura Espanhola na Universidade de São Paulo (USP)
mavieira@usp.br

1. O presente trabalho, com algumas alterações, supressões e acréscimos, foi apresentado sob forma de conferência plenária no *X Congreso Internacional de la Asociación de Cervantistas*, na Universidade Complutense de Madrid, em setembro de 2018.

Submissão: 14 de fevereiro de 2021.

Aprovação 3 de março de 2021

RESUMO: A discrição e a prudência, nos séculos XVI e XVII, tinham significados específicos e constituíam ideais de conduta próprios da sociedade de corte ibérica. O que se pretende neste trabalho é contextualizar historicamente esses conceitos e examiná-los em duas obras de Miguel de Cervantes: *Don Quijote* e *Los trabajos de Persiles y Sigismunda*.

Palavras-chave: Cervantes. Discrição. Prudência

ABSTRACT: During the 16th and 17th centuries discretion and prudence had specific meanings and embodied the ideals of behavior in the Iberian courts. The aim of this paper is to contextualize historically these concepts and examine them in two works by Miguel de Cervantes: *Don Quijote* and *Los Trabajos de Persiles y Sigismunda*.

Keywords: Cervantes. Discretion. Prudence

*Cada día, Sancho —dijo don Quijote—, te vas haciendo menos simple y más discreto. (DQ, II, 12)*¹

Esta é a constatação a que chega Dom Quixote sobre os progressos de seu escudeiro, em meio a uma conversa curiosa sobre a representação dramática, figurino, cenografia e relações entre vida e arte. Conversa esta que surge a propósito do encontro que ambos acabavam de ter com os atores da Carroça da Morte, o que resultou em um desentendimento total com o grupo de teatro. Com a perspectiva de aproveitar a ocasião para oferecer a Sancho algumas noções sobre a arte da representação, Dom Quixote inicia uma conversa a respeito e, em seguida, se surpreende com a versatilidade de Sancho na comparação que faz entre representação dramática, o jogo de xadrez e o fim da vida de todos os mortais, demonstrando uma operação mental refinada e ágil, pouco usual no caso do escudeiro. Graças a essa proeza enunciada com graça e segurança, o cavaleiro constata com satisfação os avanços em sua formação: “cada día, Sancho, [...] te vas haciendo menos simple y más discreto”.

Pouco antes, no capítulo 11, Sancho o havia dissuadido de encarar um combate com os atores da Carroça da Morte servindo-se de argumentos estratégicos, entre outros, o de que tal enfrentamento seria uma mostra de temeridade e não de valentia². Dom Quixote,

1. Todas as citações de *Don Quijote* procedem da edição dirigida por Francisco Rico, Barcelona, Instituto Cervantes/ Crítica, II, 12, 720.

2. Diz Sancho: “Asaz de locura sería intentar tal empresa: considere vuesa merced, señor mío, que para sopa de arroyo y tente bonete no hay arma defensiva en el mundo, sino es embutirse y encerrarse en una campana de bronce; y también se ha de considerar que es más temeridad que valentía acometer un hombre solo a un ejército donde está la Muerte y pelean en persona emperadores, y a quien ayudan los buenos y los malos ángeles; y si esta consideración no le mueve a estarse quedo, muévale saber de cierto que entre todos los que allí están, aunque parecen reyes, príncipes y emperadores, no hay ningún caballero andante.” (*DQ*, II, 11, 717)

plenamente convencido das ponderações do escudeiro, derrama-se em elogios: “Sancho bueno, Sancho discreto, Sancho cristiano y Sancho sincero, dejemos estos fantasmas y volvamos a buscar mejores y más calificadas aventuras”.¹

Ante tão copioso elogio e plenamente convencido de sua capacidade persuasiva, sobretudo depois da delicada e ousada investida sobre o encantamento de Dulcineia dois capítulos atrás, Sancho arrisca-se a enunciar, no capítulo 12, uma divertida comparação. Dando continuidade ao exercício metafórico que havia iniciado na conversação com seu amo, justifica o fato de estar cada dia mais discreto devido à convivência que mantém com ele, ou seja, assim como “las tierras que de suyo son estériles y secas, estercolándolas y cultivándolas vienen a dar buenos frutos”. E conclui que “la conversación de vuestra merced ha sido el estiércol que sobre la estéril tierra de mi seco ingenio ha caído”.²

Esta cena, assim como em muitos outros momentos da obra, explicita a preocupação de Dom Quixote, não apenas com a instrução pragmática de seu escudeiro sobre assuntos da cavalaria, mas também seu empenho na formação educativa de Sancho que deveria se encaminhar rumo à discricção, ou, em outros termos, em direção aos princípios formulados pela filosofia moral. Ao mesmo tempo se extrai desta breve interlocução entre ambos a importância atribuída à prática da conversação como meio eficaz para fazer florescer os engenhos menos cultivados.

Poucos anos depois da publicação da segunda parte do *Quixote*, em 1622, quando Lugo y Dávila publica sua coleção de novelas intitulada *Teatro popular*, no “Proemio al lector” ele reconhece na arte narrativa, isto é, na “representação com as palavras”, uma eficácia similar à que se dá na prática da conversação quando se persegue uma orientação educativa. O subtítulo de sua obra já anuncia, em alguma medida, esta orientação: “novelas morales para mostrar los géneros de vida del pueblo, y afectos, costumbres y pasiones del ánimo”. Em seu “Proemio”, Lugo y Dávila explica que suas “novelas” oferecem os preceitos da filosofia moral mediante “blanduras artificiosas” como um modo de combater a “rudeza de los ingenios” e apaziguar os afetos e paixões, oferecendo assim um benefício a toda República.³

Também no *Quixote* se observa a importância da colocação em prática de determinados conceitos da filosofia moral, como no caso da constatação que faz o cavaleiro sobre os avanços de Sancho em relação à discricção em detrimento de sua simplicidade ou da “rudeza de su ingenio”. Na obra cervantina, a representação dos espaços de sociabilidade reúne um conjunto de estratégias de comportamento próprias da sociedade de corte que constituíam, por sua vez, um valioso e fecundo objeto de representação artística. Os momentos privilegiados para a representação desses espaços encontram-se nas conversações, ou seja, quando ocorrem os jogos cooperativos entre os interlocutores nos quais predomina o prazer do exercício da palavra e também nos diálogos, quando

1. DQ, II, 11, 717.

2. DQ, II, 11, 720.

3. Diz o “Proemio”: “Maña y blandura es menester para que se apetezcan hoy los preceptos de la filosofía moral tan provechosa medicina para curarse los afectos y pasiones del ánimo, desengañando al pueblo y representándole sus errores que no es otra la cosa una República, que un teatro donde siempre están representando admirables sucesos, útiles los unos para seguirlos, útiles los otros para huyrlos y aborrecerlos.” Francisco de Lugo Y Dávila, Edición de María de los Ángeles Arcos Pardo. Disponible en <https://pt.scribd.com/doc/92122471/LUGO-Y-DAVILA-FRANCISCO-DE-Teatro-popular-Novelas-morales>

prevalece o caráter argumentativo e persuasivo.

O que se pretende neste artigo é examinar alguns momentos do *Quixote* e de *Los trabajos de Persiles y Sigismunda* nos quais a narrativa se centra em situações sociais de interlocução junto com determinadas práticas de representação vigentes na vida social dos séculos XVI e XVII, pautadas por alguns dos princípios próprios da filosofia moral, ou seja, a discrição, a prudência, a dissimulação e a simulação. Antes, porém, será importante apresentar brevemente a forma pela qual essas práticas de conduta vão se introduzindo na vida em sociedade.

* * *

Para Norbert Elias, o primeiro manual de psicologia cortesã foi o *Oráculo manual y arte de prudencia*, escrito por Gracián e publicado em 1647. Poucos anos mais tarde, esta obra seria traduzida para numerosos idiomas, sendo reeditada inúmeras vezes, convertendo-se em um dos primeiros tratados sobre como conduzir-se na vida cortesã. Ou, mais especificamente, convertendo-se em um manual sobre como se comportar em um mundo onde predominam os jogos de poder e do qual a pessoa devidamente informada deverá sair ilesa.¹ Na realidade, a obra do jesuíta aragonês elaborou e sistematizou um conjunto de condutas e comportamentos e, no seu gênero, foi o texto mais divulgado na sociedade de corte europeia, atravessando séculos e chegando até os dias atuais.

No caso da Espanha, entre os séculos XVI e XVII, por uma série de circunstâncias, se desenvolve um parasitismo social notável. Como afirma Pierre Vilar, o espanhol, mesmo não sendo muito rico, “*se hace servir*”. Até um humanista que a Inquisição decide prender em um convento contará com ao menos quatro serviçais.² Ou seja, uma convivência social intensa que mistura estamentos sociais diversos em um mesmo espaço favorecerá, entre outras coisas, o desenvolvimento de duas competências essenciais desse mundo cortesão: a capacidade de observar – tanto uns aos outros como a si mesmo – e a habilidade para a conversação e o diálogo.³ Desse modo se estabelecem intensas redes de sociabilidade em diferentes espaços, uma sociabilidade entendida como a pluralidade de modos que adotam diferentes grupos humanos no momento de encontrar-se, de associar-se, de viver determinadas situações, participar de uma comunidade e empregar seu tempo de lazer para desenvolver tais práticas. A sociabilidade, nesta acepção, pode ser compreendida,

1. Sagrario López-Poza, “Sobre el género y las fuentes del *Oráculo manual*” em *Actas II Congreso Internacional “Baltasar Gracián en sus obras (Zaragoza, 22-24 de noviembre de 2001)*, ed. Aurora Egido, María Carmen Marín y Luis Sánchez Lailla, Zaragoza-Huesca, Instituto de Estudios Altoaragoneses –Institución Fernando el Católico-Gobierno de Aragón, 2003, p. 60.

2. Ver de Pierre Vilar, “El tiempo del Quijote” em *Archivo de la frontera*, Emilio Sola, Universidad de Alcalá, p. 124. Acceso 06/2018: <http://www.archivodelafrontera.com/wp-content/uploads/2013/10/El-tiempo-del-Quijote-de-Pierre-Vilar.pdf>

3. Não é coincidência o fato de que em muitas narrativas daquele momento, como nas “novelas cortas” do século XVII, abrem-se espaços de interlocução de onde nascem relatos entretidos. Sua função é a de amenizar as longas tardes e noites de um grupo de personagens. Ver, por exemplo, as obras de Castillo Solórzano. Sobre o perambular pelos labirintos da Corte, a presença do Minotauro, a importância do autoconhecimento, os conceitos de discrição e prudência, assim como a perspectiva histórica para o conceito de discrição ver o excelente artigo de Álvares-Osorio Alvariño, “La discreción del cortesano”, em *Edad de oro*, XVIII, 1999, pp. 9-45.

segundo Mechthild Albert, como um índice de modernização cultural próprio dos séculos XVI e XVII.¹

Paralelamente a essas modificações na vida social, desde o início do século XVI surgem tratados destinados à divulgação de normas de conduta como *La civilidad pueril* (1528), de Erasmo, que trata de estabelecer regras de comportamento para um jovem príncipe, ou *El cortesano* (1530), de Castiglione que, por intermédio de uma extensa conversa entre senhores aristocráticos, trata de identificar o perfil do homem de corte. Apesar das diferenças, ambos tratados guardam um sentido comum que é o de tornar evidente que a vida social exige um autocontrole traduzido em medidas racionais de contenção, correção e decoro nos gestos, na fala e nas atitudes.²

Nas três últimas décadas do século XVI, o conceito de discrição começa a ganhar uma nova configuração semântica passando a associar-se às noções de cortesia e urbanidade, como aparece na obra de Lorenzo Palmireno, *El estudioso cortesano*, de 1573, que já não se preocupa com os preceitos fundamentais em relação à educação da criança e do jovem, nem em relação à formação do *galateo*, originariamente rústico, e sim com os princípios da conversação civil e com as relações políticas entre as pessoas.³ Quando Dom Quixote elogia os progressos de Sancho quanto a estar assumindo condutas próprias do homem discreto, no capítulo 12 da segunda parte, parece apoiar-se sobretudo em sua capacidade de se ajustar com fluência à conversação, estabelecendo uma relação política entre amo e escudeiro, ainda que em uma narrativa centrada no burlesco.

Outros tratados similares vão surgindo com a perspectiva de relacionar a discrição ao ato de discernir, isto é, uma atividade que se baseia na capacidade de distinguir uma coisa da outra, sendo ao mesmo tempo parte da prudência e da virtude intelectual.⁴ Como afirma Álvarez-Osorio, “la mayoría de los tratadistas que escribieron durante el reinado de Felipe II comparten un concepto de discreción anclado en la virtud de la prudencia”, de maneira que ambos conceitos, isto é, discrição e prudência, muitas vezes se confundem.⁵

1. Ver de Mechthild Albert (ed.), *Sociabilidad y literatura en el Siglo de Oro*. Madrid, Universidad de Navarra, Iberoamericana, Vervuert, 2013, pp. 7-18. Para o conceito de sociabilidade aqui empregado, ver de Agustín Redondo, “Texto literario y contexto histórico-social: del *Lazarillo* al *Quijote*” em *AIISO, Actas II*, 1990, pp. 95 – 116. Para a ideia de sociabilidade nos séculos XVI e XVII como proceso de modernização cultural, ver de Mechthild Albert, “Introducción”. *Sociabilidad: el término y el fenómeno*; também para o conceito de sociabilidade, ver de Aurora Egido, “Del modo y del agrado a la *sociabilidad crítica*” em *Sociabilidad y literatura en el Siglo de Oro*, pp. 21-55; para o conceito de sociabilidade originariamente proposto por M. Agulhon e seus usos pela historiografia, ver de Stéphane Van Damme, “La sociabilité intellectuelle. Les usages historiographiques d’une notion”. Acesso 06/2018, <https://www.cairn.info/revue-hypothese-ses-1998-1-page-121.html>.

2. Erasmo de Rotterdam, *A civilidade pueril*. Pref. P. Ariès, trad. F. Guerreiro. Lisboa, Estampa, 1978; y Baldasare Castiglione, *El cortesano*, ed. Mario Pozzi, trad. de Juan Boscán. Madrid, Cátedra/Letras Universales, 1994.

3. Ver Álvarez-Osorio Alvariño, “La discreción del cortesano” (*op. cit.*), p. 30.

4. O referido conceito encontra-se na obra de Juan de Pineda em *Diálogos familiares de la agricultura Cristiana*. Ver de Álvarez-Osorio Alvariño, p. 31.

5. *Idem*, p.32. De todos os tratados que vão surgindo ao longo do século XVI, é importante destacar ao menos dois deles: o de Lucas Gracián Dantisco, *Galateo español*, provavelmente de 1586, e o de Damasio de Frías, *Diálogo de la discreción*, publicado em 1579. O tratado de Gracián Dantisco parece ser mais bem uma adaptação livre do tratado de Giovanni della Casa, *Galateo ou De los Costumes* (1558) trad. Y. V. Machado, São Paulo, Martins Fontes, 1999. Ambos tiveram notável repercussão e no caso de Gracián Dantisco, ocorreu um sucesso prolongado, tendo sido reeditado inúmeras vezes e também exportado

De todo modo torna-se importante ter em conta que os conceitos de discrição e prudência orientam o conjunto de valores e normas de conduta do homem de corte, sendo a discrição um hábito do entendimento prático cuja função é a de observar e calcular a melhor forma de atingir um determinado fim. A prudência, por sua vez, se situa mais propriamente no âmbito do entendimento teórico. Para Damasio de Frías, a prudência é a virtude que se antepõe a todas as demais e está sempre a serviço do bem, enquanto que a discrição pode utilizar os mesmos meios e modos porém assumir um caráter insidioso uma vez que se põe tanto a serviço do bem quanto a serviço do mal.¹ Nesse sentido, todo prudente será discreto, porém nem todo discreto será prudente.

Outros dois conceitos que muitas vezes surgem como equivalentes da discrição são a dissimulação e a simulação.² Como afirma Fernando Alvia, em 1616, “es la simulación fingir aquello que no es como si fuese, y es la disimulación callar y encubrir aquello que es como si no fuese”.³ Estes dois conceitos, ainda que anteriores na história da filosofia, encontrarão no tratado de Torcuato Accetto, de 1641, uma definição clara e precisa: “se simula lo que no es, se disimula lo que es”; em outros termos, a simulação exhibe uma mentira, enquanto que a dissimulação encobre uma verdade.⁴

Como afirma Lucía Megías, Cervantes conheceu de perto esses espaços labirínticos da corte e as relações de poder que giravam em torno de personalidades de destaque na corte castelhana como o Cardeal Espinosa e Mateo Vázquez, e muito provavelmente, deve ter alimentado o sonho de fazer parte do corpo de letrados que integravam a vida cortesã graças aos estudos que havia realizado com López de Hoyos.⁵

Retomando o diálogo do capítulo 12 da segunda parte, quando o cavaleiro diz a Sancho – como mencionado no início do presente artigo – que a cada dia ele está “menos simple y más discreto”, a discrição anunciada por Dom Quixote refere-se à aptidão de

à América, junto com o Lazarillo. Segundo Gracián Dantisco, o discreto deve ter presente a racionalidade que se impõe na vida social em todas as direções, isto é, seja na observação dos demais interlocutores e da situação que se apresenta, seja no autocontrole e na ornamentação dos gestos e das palavras. Por meio de uma reflexão similar, Damasio de Frías defende que o homem discreto deveria procurar ajustar-se a todos os gostos, tempo, pessoas uma vez que não é outro o seu ofício senão o de que “con diestro y acertado juicio saber discernir tiempo de tiempo, lugar de lugar, personas de personas”. (Frías y Balboa, D. *Diálogos de Diferentes Materias Inéditos Hasta Ahora*. Ed. García Soriano y F. Rodríguez Marín. Colección Críticos - Escritores Castellanos, 1929, p. 86.). Vale destacar do tratado de Frías a distinção perspicaz que ele estabelece entre discrição e prudência. Para o neo-aristotélico, a prudência é a “recta y buena razón” além de ser a “virtud gobernadora de las virtudes morales”. (*Idem*, p. 34).

1. Damasio de Frías, *idem*, p. 34.

2. Ver de Pablo Badillo O’Farrell, J. M. Sevilla Fernández y José Villalobos Domínguez (eds), *Simulación y disimulación: aspectos constitutivos del pensamiento europeo*. Sevilla, Centro de Investigaciones sobre Vico, Universidad de Sevilla, Colección Mínima del CIV, 2003.

3. Fernando Alvia de Castro. *Verdadera razón de estado. Discurso político*. Por Pedro Craesbeeck, Lisboa, 1616, p. 47.

4. Torcuato Accetto. *La disimulación honesta*. Buenos Aires, El cuenco de Plata, 2005, p. 99. Ver também de Sebastián Torres, “Estudio preliminar. Di/simulación: los pliegues de la subjetividad a comienzos de la modernidad” em *La disimulación honesta*. Buenos Aires, El cuenco de Plata, 2005.

5. José Manuel Lucía Megías, *La juventud de Cervantes. Una vida en construcción (1547-1580)*. Madrid, EDAF, 2016, pp. 117-126 y “Miguel de Cervantes, en el laberinto de la corte” em *La madurez de Cervantes. Una vida en la corte*. Madrid, EDARF, 2016, pp. 19- 109.

Sancho na conversação com seu amo, evidenciando destreza para exercitar sua capacidade metafórica, chegando a colocar-se em pé de igualdade em relação ao cavaleiro. Tudo culmina com a conclusão sofisticada a que chega Sancho, embora indecorosa e burlesca, ao mencionar que, a conversação que manteve com dom Quixote, que foi o “estiercol” que sobre a “estéril tierra” de seu “seco ingenio ha caído”, e assim lhe foi possível tornar-se “menos simple y más discreto”.¹

Tudo nos leva a pensar que Cervantes sempre concedeu atenção especial a essas categorias de civilidade, como observa Aurora Egido, ao afirmar que quando o autor do *Quixote* declara que “la discreción es la gramática del buen lenguaje, que se acompaña con el uso” está explicitando que a discrição está incutida em toda sua obra, tanto na forma quanto no conteúdo.² Desde *La Galatea* (1585), sua primeira obra publicada, até *Los trabajos de Persiles y Sigismunda* (1616) se constata a presença dos códigos de conduta nos mais diversos espaços, assumindo muitas vezes sentidos variados e regulando o modo de atuar dos personagens, suas formas de comportamento, seus discursos e suas intenções explícitas ou veladas. Entre o *Quixote* e o *Persiles*, tendo em conta apenas essas duas obras, é possível observar algumas diferenças bem sugestivas.

No *Quixote*, os conceitos de dissimulação e simulação, prudência, discrição e vulgaridade – este último funcionando como contrapartida da discrição – adquirem sentidos específicos que, em determinados momentos, parodiam as orientações da filosofia moral. Em *Persiles*, além da presença da discrição e demais categorias similares, predomina em particular a prudência, nas ações e intenções de Periandro e Auristela, interagindo na condição de virtude superior capaz de vencer as adversidades. Em outros termos, a distinção no tratamento concedido às práticas de representação nas duas obras baseia-se no fato de que no *Quixote* as mesmas são tratadas de modo paródico e cômico, enquanto que no *Persiles* sobressai o modo sério e elevado.

* * *

No *Quixote*, a atuação dos personagens centrada nos códigos de conduta se manifesta de forma mais intensa e evidente quando os espaços de sociabilidade se concentram em ambientes que funcionam como extensão da corte e, neste sentido, o episódio dos duques é especialmente privilegiado. As conversações e diálogos, os questionamentos sobre as aventuras passadas e as promessas em relação às futuras, enfim, tudo põe à prova as figuras do cavaleiro e seu escudeiro mediante dissimulações, simulações, discrições e vulgaridades.

Em vários momentos, a produção de comicidade complementa-se com a ação de dissimular. Assim, enquanto Sancho relata o conto oriundo de sua aldeia sobre a distribuição dos lugares à mesa e se perde em digressões, diz o narrador: “los señores disimularon la risa, porque don Quijote no acabase de correrse”(II, 31). Quando Dom Quixote, na cena

1. *DQ*, II, 12, p. 720.

2. Diz Aurora Egido em “El arte de la discreción en *La Galatea*” (*Bulletin of Spanish Studies – Cervantes Essays in Memory of Y. C. Riley on the Quatercentenary of Don Quijote*, University of Glasgow, Vol. LXXXI, n. 4-5, June July 2004): “aquella [es decir, la discreción] impregna toda su obra, mostrando una doble faz, ética y estética, que se manifiesta tanto en los aspectos formales como conceptuales, afectando incluso los modos de comportamiento que impulsan la acción de los personajes.” (pp. 585-597). Ver também da mesma autora, *El discreto encanto de Cervantes y el crisol de la prudencia*, Vigo, Editorial Academia del Hispanismo, 2011.

do lavatório, fica com “los ojos cerrados y las barbas llenas de jabón”, surge o comentário do narrador sobre os duques que por sua vez observam a cena: “fue gran maravilla y mucha discreción poder disimular la risa”. Quando Dom Quixote e Sancho se veem em uma das salas “adornadas con telas riquísimas de oro y de brocado” e surgem as seis donzelas para servi-los como se fossem pagens, diz o narrador que “a no tener cuenta las doncellas que le servían con disimular la risa (que fue una de las precisas órdenes que sus señores les habían dado) reventaron riendo”, contrariando portanto as instruções dos duques. Se por um lado a dissimulação do riso tem algo que ver com a discrição, é importante acrescentar também que o centro da ação dos duques e de todos os que os rodeiam é a simulação, uma vez que as aventuras que deles emanam voltadas para o cavaleiro e seu escudeiro têm o objetivo claro e nítido de produzir uma grande mentira e não exatamente o de ocultar uma verdade.

A paródia dos códigos de conduta é possível nesse contexto graças à visão do narrador que se interpõe entre a essência e a aparência, os fatos e as intenções dos personagens. Sendo assim, alguns personagens do episódio serão considerados a partir dessa dupla dimensão, como a duquesa que se mostra extremamente bela e galharda na vida pública, enquanto que no âmbito privado é um poço de mau humor (II, 48).

A contenção das próprias emoções faz parte dos protocolos da corte, no entanto, para Don Quixote tudo será mais penoso porque ele tentará controlar não apenas as suas emoções, mas também a fala e a ação de Sancho diante dos duques, o que produzirá uma paródia cômica dos rituais cortesãos. É como se Dom Quixote tentasse ensinar ao camponês – como o faz Gracián Dantisco a seu irmão, ou della Casa ao jovem rústico – os passos elementares da vida na corte, fato que se deduz da conversação entre eles quando estão a sós em seus aposentos, logo após a chegada à residência dos duques:

[...] Sancho amigo: huye, huye destes inconvenientes [...]. Enfrena la lengua, considera y rumia las palabras antes que te salgan de la boca, y advierte que hemos llegado a parte donde con el favor de Dios y valor de mi brazo hemos de salir mejorados [...].¹

Dom Quixote entende a gramática dos protocolos, reconhece seus códigos e a importância atribuída a determinadas práticas, não obstante, neste espaço constrangedor, acaba por perder seu norte na medida em que os ideais da cavalaria, pouco a pouco, se confundem com as práticas mundanas da vida cortesã, estruturadas a partir da simulação.

Como bem sabem os duques – personagens leitores da primeira parte da obra – Dom Quixote é um louco inveterado e portanto não tem a capacidade do discernimento; no entanto, nas conversações ele se apresenta como um discreto que controla as adversidades e dispõe de capacidade argumentativa. Por outro lado, Sancho, um tipo vulgar que muitas vezes evidencia um gosto confuso e se mostra inapto para discernir uma coisa da outra, quando se torna governador de Baratária deixa transparecer traços de discrição, sendo capaz de observar os demais e de descobrir, em alguns momentos, as segundas intenções de seus interlocutores. Ou seja, Cervantes, no *Quixote*, joga de formas diversas com essas práticas de representação próprias da sociedade de corte e chega a compor algo que pareceria impensável e incongruente: um discreto que é louco e um vulgar que é discreto.

1. *DQ*, II, XXXI, p. 883-884.

No *Persiles*, ao contrário, observa-se um tratamento bem diferente relativo a essas práticas de representação, como se houvesse uma abordagem séria do comportamento dos personagens, pautada pelos códigos de conduta, fazendo ressaltar as virtudes morais, particularmente as de Periandro e Aurestela, capazes de submeter as paixões à razão e, como consequência, capazes de enfrentar as turbulências que o destino lhes apresenta. Ambos são personagens que se ajustam ao conceito de *mediania* previsto na *Ética* a Nicômaco, ou seja, a disposição de atuar deliberadamente optando pelo justo meio, atitude esta própria do homem prudente.¹ O projeto épico que ambos empreendem os submete a inúmeras adversidades, mas algo maior os move em direção a uma finalidade metafísica, um segredo inviolável que os une no tempo e no espaço.

Como se sabe, Periandro e Auristela na realidade não são irmãos como dizem desde o início de suas peregrinações, e sim amantes que têm em seus horizontes a benção da união por parte do Papa na cidade de Roma. Ninguém põe em dúvida esta falsa identidade anunciada, com exceção de Clodio, personagem particularmente perspicaz. Sua atuação suspeita ocorre quando surgem situações de desarticulação entre os que se encontram no reino do rei Policarpo, que ocupam os oito primeiros capítulos do livro II.

Todos estão reunidos no palácio, situado em umas terras distantes, circunscritas a uma ilha, o que oferece à escritura cervantina a possibilidade de realizar um trabalho inventivo ao redimensionar as possibilidades do gênero, como afirma Lozano-Renieblas.² O espaço encontra-se delimitado aos recintos da corte e nele predominam os diálogos, mais do que as conversações, situação privilegiada para a composição de cenas regidas pelos códigos de conduta. O foco narrativo é o mundo interior dos personagens, acometidos por uma série de inquietações que desordenam os afetos.³

Cabe destacar que entre os muitos encontros e desencontros presentes no episódio, as suspeitas de Clodio sobre Periandro e Auristela podem pôr em risco a dimensão ética dos protagonistas. É interessante observar igualmente que Clodio, personagem que prima pela maledicência, é justamente quem observa cuidadosamente os dois que estão a sua volta e quem detecta as possíveis falsidades justamente naqueles que são virtuosos.

Na realidade, Clodio tem razão: Auristela e Periandro não são irmãos e, afinal, ainda que por uma causa maior, eles dissimulam suas verdadeiras condições de amantes. Certamente toda distorção e ocultamento da verdade seria condenável, uma vez que o próprio ordenamento da vida social supunha a identificação do que é bom e do que é verdadeiro. Clodio, apesar da pouca credibilidade concedida às suas palavras, ameaça o conceito virtuoso que gira em torno de Auristela e Periandro no sentido de que suas deduções podem fazer com que, em lugar de dissimuladores, ambos passem à condição de simuladores. No entanto, cabe acrescentar que em nenhum momento as suspeitas de Clodio chegam aos ouvidos dos protagonistas. Estas se inscrevem no âmbito do murmúrio, do maldizer, o que, para o leitor do texto, resulta em um contraste moral e ético entre o malfeitor e Auristela e Periandro. Clodio, afinal, tem a habilidade do discreto, é perspicaz e capaz de observar situações e pessoas, possuindo a capacidade do discernimento; no

1. Edmir Missio, *A civilidade e as artes de fingir*, São Paulo, Edusp, 2012, p. 85.

2. Isabel Lozano-Renieblas, "Introducción" en *Los trabajos de Persiles y Sigismunda*. Ed. de Isaías Lerner e I. Lozano-Renieblas, Barcelona, Penguin, 2016, pp. 9-34.

3. I. Lozano-Renieblas, *Cervantes y el mundo del Persiles*. Alcalá de Henares, Centro de Estudios Cervantinos, 1998, p. 190.

entanto, como esclarece Damasio de Frías em seu tratado, trata-se de uma ação discreta porém traiçoeira que se manifesta a serviço do mal e da desarmonia.

Em contraposição, Periandro e Auristela se enquadram no que propõe Accetto quando afirma que não existe a *dissimulação* sem o qualificativo *honesto*, o que não somente é uma defesa da dissimulação frente ao engano, mas também a evidência da necessidade de “dissimular para viver”.¹ Segundo Accetto, a dissimulação não é senão “un velo compuesto por tinieblas honestas [...] de lo cual no se produce lo falso, sino que se da algún descanso a lo verdadero, para demostrarlo a su tiempo”.² Periandro e Auristela podem ser considerados dissimuladores honestos e também exemplares dentro dos parâmetros que, anos mais tarde, apresentaria Accetto. Este entende a dissimulação numa linha de confluência com a virtude cristã, dado que Deus é concebido como o auge do modelo divino de dissimulação, uma vez que, em termos bíblicos é julgado como o “disimulador de los pecados de los hombres”.³

Com uma trajetória extensa e repleta de imprevistos admiráveis, os jovens amantes, mais do que discretos, são prudentes e portanto, capazes de reunir de modo harmônico o amor, a religião e a filosofia moral, preservando a memória das coisas passadas, o entendimento das presentes e a previsão das futuras.

* * *

Este trabalho teve seu início com a conversação entre Dom Quixote e Sancho a propósito da satisfação que expressa o amo acerca dos progressos na linguagem de seu escudeiro em direção à discrição. Para concluir, recorro a um fragmento da carta que Dom Quixote envia a Sancho, no capítulo 51 da segunda parte, quando manifesta sua enorme alegria devido às notícias que recebeu sobre sua atuação como governador de Barataria. Acometido por um entusiasmo tão avassalador, o cavaleiro chega a substituir a relação hierárquica entre eles por uma franca e afetuosa amizade:

Quando esperaba oír nuevas de tus descuidos e impertinencias, Sancho amigo, las oí de tus discreciones, de que di por ello gracias particulares al cielo, el cual del estiércol sabe levantar los pobres, y de los tontos hacer discretos. [...] Sé padre de las virtudes y padrastro de los vicios. No seas siempre riguroso, ni siempre blando, y escoge el medio entre estos dos extremos, que en esto está el punto de la discreción.

Tu amigo

Don Quijote de la Mancha

1. Sebastián Torres, “Estudio preliminar. Di/simulación: los pliegues de la subjetividad a comienzos de la modernidad” en *La disimulación honesta*. Buenos Aires, El cuenco de Plata, 2005, p. 55.

2. Torquato Accetto. *La disimulación honesta*. Buenos Aires, El cuenco de Plata, 2005, p. 99.

3. Idem, p. 151.

Referências bibliográficas

Livros:

- CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote*. Dir. Francisco Rico. Barcelona, Ed. Crítica, 1998.
- CERVANTES, Miguel de. Los trabajos de Persiles y Sigismunda. Ed. Carlos Romero Muñoz. Madrid, Cátedra, 2004.
- DELLA CASA, Giovanni. *Galateo ou Dos Costumes (1558)* trad. Y. V. Machado, São Paulo, Martins Fontes, 1999.
- EGIDO, Aurora. *El discreto encanto de Cervantes y el crisol de la prudencia*. Vigo, Editorial Academia del Hispanismo, 2011.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte*. Trad. Ana Maria Alves. Lisboa, Estampa, 1986.
- ERASMO. *A civilidade pueril*. Pref. P. Ariès, trad. F. Guerreiro. Lisboa, Estampa, 1978.
- FRÍAS y BALBOA, Damasio de. *Diálogos de Diferentes Materias Inéditos Hasta Ahora*. Ed. García Soriano y F. Rodríguez Marín. Colección Críticos - Escritores Castellanos, 1929.
- GRACIÁN DANTISCO, Lucas. *Galateo español*. Madrid: Ediciones Atlas, Colección Cisneros, 1943.
- LOZANO-RENIEBLAS, Isabel. *Cervantes y el mundo del Persiles*. Alcalá de Henares, Centro de Estudios Cervantinos, 1998.
- LUCÍA MEGÍAS, J. M. *La juventud de Cervantes. Una vida en construcción (1547- 1580)*. Madrid, EDAF, 2016. MISSIO, Edmir. Edmir Missio, *A civilidade e as artes de fingir*, São Paulo, Edusp, 2012, p. 85.

Capítulos de livro:

- ALBERT, Mechthild (ed.). “Introducción”. *Sociabilidad y literatura en el Siglo de Oro*. Madrid, Universidad de Navarra, Iberoamericana, Vervuert, 2013, pp. 7-18.
- EGIDO, Aurora. “Del modo y del agrado a la sociabilidad crítica”. *Sociabilidad y literatura en el Siglo de Oro*, 2013, pp. 21-55
- HANSEN, João. “O Discreto”, in *Libertinos e libertários*. Org. Adauto Novaes. São Paulo, MINC/FUNARTE/Companhia das Letras, 1996, pp. 77-102.
- KRISTELLER, P. O. “El territorio del humanista”. *Historia y crítica de la literatura española*, dir. F. Rico. Barcelona: Crítica, 1980, t. II, pp. 34-44.
- LÓPEZ-POZA, Sagrario. “Sobre el género y las fuentes del *Oráculo manual*” em *Actas II Congreso Internacional “Baltasar Gracián en sus obras (Zaragoza, 22-24 de noviembre de 2001)*, ed. Aurora Egido, María Carmen Marín y Luis Sánchez Laílla, Zaragoza-Huesca, Instituto de Estudios Altoaragoneses –Institución Fernando el Católico-Gobierno de Aragón, 2003.
- LOZANO-RENIEBLAS, Isabel. “Introducción”. *Los trabajos de Persiles y*

Sigismunda. Ed. de Isaías Lerner e I. Lozano-Renieblas, Barcelona, Penguin, 2016, pp. 9-34.

LUCÍA MEGÍAS, J. M. “Miguel de Cervantes, en el laberinto de la corte”. *La madurez de Cervantes. Una vida en la corte*. Madrid, EDARF, 2016, pp. 19- 109.

TORRES, Sebastián. “Estudio preliminar. Di/simulación: los pliegues de la subjetividad a comienzos de la modernidad”. *La disimulación honesta*. Buenos Aires, El cuenco de Plata, 2005.

Documentos eletrônicos:

LUGO Y DÁVILA, Francisco Edición de María de los Ángeles Arcos Pardo. Disponible en <https://pt.scribd.com/doc/92122471/LUGO-Y-DAVILA-FRANCISCO-DE-Teatro-popular-Novelas-morales>

VAN DAMME, Stéphane. “La sociabilité intellectuelle. Les usages historiographiques d’une notion”. Disponível em <<https://www.cairn.info/revue-hypotheses-1998-1-page-121.html>>, 06/2018.

VILAR, Pierre. “El tiempo del Quijote” em *Archivo de la frontera*, ed, de Emilio Sola, Universidad de Alcalá, p. 124. Disponível em <<http://www.archivodelafrontera.com/wp-content/uploads/2013/10/El-tiempo-del-Quijote-de-Pierre-Vilar.pdf>> 06/2018.

Artigos de periódico:

ALVARIÑO, Álvares-Osorio. “La discreción del cortesano”. *Edad de oro*, XVIII, 1999, pp. 9-45.

EGIDO, Aurora. “El arte de la discreción en *La Galatea*”. *Bulletin of Spanish Studies – Cervantes Essays in Memory of. Y. C. Riley on the Quatercentenary of Don Quijote*. University of Glasgow, Vol. LXXXI, n. 4-5, June July 2004, 585-597.

Atas de congressos:

REDONDO, Agustín “Texto literario y contexto histórico-social: del *Lazarillo al Quijote*” en AISO, *Actas II*, 1990, pp. 95 – 116.